

Cruz *de* Malta

Revista para Escola Dominical

Em busca do

Reino de Deus

e sua justiça

EXPEDIENTE

Cruz de Malta. 2016.2

**Estudos Bíblicos para Jovens – Revista do/a
aluno/a**

Publicado sob a coordenação do Departamento Nacional de Escola Dominical da Igreja Metodista. Produzido pelo Departamento Editorial da Associação da Igreja Metodista - Angular Editora.

Secretaria Editorial

Joana D'Arc Meireles

Coordenação Nacional de Educação Cristã

Eber Borges da Costa

Departamento Nacional de Escola Dominical

Andreia Fernandes Oliveira

Luiz Virgílio Batista da Rosa – Bispo Assessor

Equipe de Redação

Andréia Fernandes Oliveira

Roseli Oliveira

Colaboradores/as

Adriel de Souza Maia

Andreia Fernandes Oliveira

Danielle Lucy Bosio

Eber Borges da Costa

Flávia Medeiros

Kennie Ladeira Mendonça

Leandro Queiroz

Ridel Campo

Wanderson Salvador F. A. Campos

Revisão

Kedma Ladeira Mendonça Pinto

Projeto Gráfico e Editoração

Alixandrino Design

Departamento Nacional de Escola Dominical:

Av. Piassanguaba, 3031 – Planalto Paulista

04060-004 – São Paulo

Tel. (11) 2813-8600 Fax. (11) 2813-8632

escoladominical@metodista.org.br

Site: <http://ed.metodista.org.br/>



SUMÁRIO

- 06** Blocos literários do Novo Testamento
- 10** Será este o Cristo?
- 15** Fome e sede de justiça
- 20** Em conflitos, busque a paz
- 25** Abrir a casa e o coração
- 30** Vá e não peques mais
- 34** Dispõe-te e vai
- 39** A conversão de Paulo e Ananias
- 44** Aba, Pai
- 49** A fraqueza pode ser uma bênção
- 53** O amor é o fruto do Espírito
- 57** Revestir-se da armadura de Deus
- 61** Amizade na Missão
- 66** Jesus Cristo é o Senhor
- 71** Viver para a volta de Cristo
- 75** Conselhos para o ministério
- 80** Pastorear e se deixar pastorear
- 85** Serviço em liberdade
- 90** Vivendo pela fé
- 95** Se Deus quiser
- 100** Gente forasteira e peregrina
- 106** Amar a Deus e ser luz nas trevas
- 111** A fé em xeque
- 116** Novo céu e nova terra

PALAVRA DA REDAÇÃO

O profeta Oséias, estudado na revista que tratava do Antigo Testamento (2016.1), apontou uma necessidade para o povo de Deus: conhecer e prosseguir em conhecer a Deus (Oséias 6.3). Conhecer é mais do que adquirir informação, é se apropriar do conhecimento, é apreender, como diz Paulo Freire. Esse é o sentido da Escola Dominical, dar condições para que se possa apreender o conhecimento, dar a ele lugar e a função de nos transformar e amadurecer.

O tema desta edição é o Novo Testamento que nos apresenta o Reino de Deus e o Senhor do Reino que nos convida a fazer parte dele, anunciando-o e o construindo. Aceitar esse compromisso significa sair em busca da justiça, ato que nos traz, muitas vezes, perseguições e confrontos pessoais e sociais. No entanto, feliz é quem aceita esse desafio! As palavras do Senhor do Reino nos ensinam: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5.10).

Por meio dos estudos de Mateus a Apocalipse, prosseguimos em conhecer a Bíblia e o Reino. Que essas histórias, orientações, mensagens de esperança e compromisso despertem em quem lê-las o desejo de conhecer mais a Deus.

**No amor de Cristo,
Equipe de Redação da Revista Cruz de Malta**



O Novo Testamento terminado

O Cânôn

Em fins do século I, as Sagradas Escrituras da Igreja Primitiva eram apenas o Antigo Testamento, isto é, a Lei, os Profetas e os Escritos. Nessa mesma época já circulavam livros que começavam a ser considerados também como Escritura.

A palavra cânôn é originária do grego e seu sentido primitivo quer dizer "cana", "varinha" ou "barra". Era qualquer coisa usada para medir, isto é, um padrão. Literalmente, a palavra "cânôn" designa as obras que foram realmente escritas por um determinado autor.

A formação de um cânôn de escritos religiosos, relacionados com a obra de Cristo, exigia que fossem demarcados os princípios fundamentais da fé e da conduta cristãs. A diferença que aqui ocorre é que não se trata das obras de um só autor, mas de vários autores a tratar de um mesmo assunto central.

A decisão a respeito dos livros a serem considerados normativos, isto é, autoridade para a Igreja Cristã, não foi arbitrária, feita por uma só pessoa ou grupo local. Foi o resultado de uma tomada de posição a partir de algumas diretrizes que ajudaram a reconhecer o cânôn. Ninguém, nenhum grupo, nenhum concílio da Igreja determinou o que era ou não inspirado. A Igreja simplesmente reconheceu o valor já existente em escritos que podiam ser considerados como Escrituras.

As Escrituras

Em segunda Timóteo 3.16, encontramos o princípio geral para designar o que seja Escritura: "Toda a Escritura é inspirada por Deus ...", isto é, a Escritura tem de ser inspirada. Porém, como saber se um livro é inspirado?

Em primeiro lugar, examinando o seu conteúdo. Embora os autores sejam vários e as ocasiões do surgimento dos escritos diversas, uma pessoa e sua obra estão sempre presentes: Jesus Cristo, eis o assunto central. Os evangelhos são biografias, por assim dizer, pois narram os fatos particulares das várias fases da vida do Senhor Jesus; o Livro de Atos conta o efeito histórico de uma pessoa; as epístolas se relacionam com os ensinamentos teológicos e decorrências práticas de sua pessoa e obra; o Apocalipse prefigura a sua vitória final. Todos estes escritos apresentam a Jesus como sendo muito mais do que um personagem da história. Para eles, Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador. Para outras pessoas, Jesus não era nada disso (**1 Coríntios 1.23**).

Em segundo lugar, a inspiração pode ser constatada pelos efeitos éticos e espirituais que produziram tais escritos na vida de seus leitores e leitoras e comunidades cristãs. Há livros que atingem o pensamento

das pessoas e as influenciam grandemente. Os livros sagrados, porém, transformaram vidas. Este poder é o eficaz testemunho de sua inspiração divina.

Outros critérios

Saber se um livro é inspirado ou não, não foi o único critério adotado para se concluir se um livro podia ou não ser considerado como Escritura. Não houve, de início, uma reunião geral das pessoas cristãs para se debater como haveriam de ser escolhidos os livros para o Novo Testamento. Entretanto, uma vez em circulação os primeiros escritos cristãos, as igrejas automaticamente passaram a usá-los, uns mais que os outros, considerando certos elementos importantes a seu respeito.

Primeiramente os escritos autorizados deveriam partir da pena de um dos apóstolos ou de pessoas que tivessem tido contato com eles. Por outro lado, os ensinamentos aceitos eram os que se mantinham dentro das doutrinas geralmente aceitas. Nem sempre era possível determinar se um escrito procedia de um apóstolo, mas era possível confrontá-lo com os ensinamentos apostólicos (conhecidos oralmente e em alguns ensinamentos já aceitos).

Os evangelhos, por exemplo, para serem aceitos, deveriam manter o padrão apostólico com referência à encarnação de Cristo, deveriam ser evangelho no sentido pleno, e não somente uma coleção de ditos e milagres, como muitos que surgiram naquela época e foram rejeitados pela Igreja.

Outro critério para se estabelecer se um escrito podia ser considerado como Escritura era a sua objetividade, isto é, a sua capacidade de mostrar que estava tratando com um assunto concreto, real, e não de ficção ou lenda.

Dois foram as preocupações centrais que serviram de base para a seleção dos livros: a necessidade missionária, ou seja, a propagação da fé em Cristo; e a necessidade apologética, isto é, a defesa da fé cristã contra as heresias e os ataques baseados em falsos fundamentos.

Podemos ter a certeza de que o Espírito Santo foi quem orientou a Igreja no processo de seleção que ela empreendeu para escolher os livros que formaram o Novo Testamento e rejeitar aqueles que pretendiam ser também canônicos mas não preenchiam as condições de um livro realmente inspirado, procedente de um apóstolo, fiel às doutrinas cristãs e capaz de comunicar a verdade com firmeza a todas as pessoas que a lessem. Graças a Deus por isso.

Veja alguns vídeos sobre o Novo Testamento no canal da Educação Cristã. Acesse youtube.com/educacaocristametodista

Estudo 01: Blocos literários do Novo Testamento

Texto bíblico: 1 Coríntios 1, Mateus 1 e 2 e Apocalipse 1

“Conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR”. Oséias 3.6

A apresentação do Novo Testamento, com suas divisões, seus livros e as principais abordagens é o tema desse estudo e para tanto, antes de mais nada, é preciso ler os textos bíblicos em destaque (1Coríntios 1, Mateus 1 e 2 e Apocalipse 1).

O que há de diferente nestes textos, além é claro, do assunto? Como cada texto bíblico foi iniciado? Todos têm a mesma estrutura? Todos têm a mesma proposta? Para percebermos as diferenças e, conseqüentemente, as ênfases dos textos bíblicos, estudaremos sobre os gêneros literários do Novo Testamento.

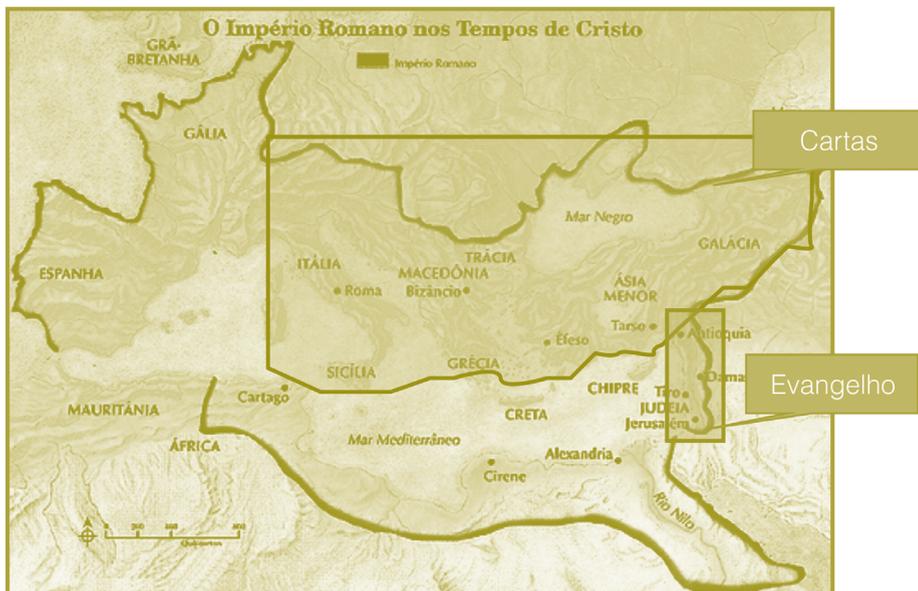
Bíblia: beleza e verdade na diversidade

Nenhum dos textos indicados para o estudo de hoje começa da mesma forma. Perceba que a organização do texto também é diferente. O Evangelho de Mateus inicia falando sobre Jesus, sua genealogia e nascimento. A Carta de 1Coríntios, após dizer a quem a carta está direcionada, Paulo (seu autor) dá ação de Graças e começa a falar dos problemas da comunidade. O Apocalipse de João inicia dizendo de onde veio a mensagem que será dada, a quem é dedicado e descreve uma visão.

Os três livros iniciam de maneiras diferentes e têm objetivos diferentes. É interessante pontuar que quando lemos o Evangelho de Mateus, estamos em uma comunidade judaico-cristã; quando lemos a Carta aos Coríntios, estamos em uma comunidade cristã helenista

(pessoas de origem grega convertidas ao cristianismo) e quando lemos o Apocalipse de João, estamos no âmbito do culto. Assim, estamos em locais/regiões diferentes, com públicos diferentes.

Locais e públicos diferentes, pede uma comunicação adequada, para que as pessoas que ouçam possam compreendê-la. Observe o mapa abaixo:



Evangelho:

Definição de Evangelho: a boa notícia de que o imperador venceu uma guerra (no período romano) e fez a paz mediante a derrota dos adversários.

Quando Marcos (primeiro evangelho escrito) se utiliza desse gênero, ele está enfrentando César. Seria como dizer que Marcos, ao declarar Jesus como o Senhor (kyrios) e não a César, ressignifica o gênero, isto é, a boa notícia é vinda do Senhor Jesus Cristo e a sua vitória frente aos seus adversários.

Esse gênero dá tão certo, que Mateus, Lucas e João seguem o exemplo de Marcos.

Cartas:

As cartas no Novo Testamento seguem a estrutura das cartas do mundo greco-romano: 1.Saudação: identificando remetente e destinatário; 2.Ação de Graças; 3.Corpo da Carta; 4.Despedida.

As cartas representam a forma helênica de se enfrentar as dificuldades: pensando diretamente sobre elas. Dessa forma, as cartas representam o jeito mediterrâneo de resolver os dilemas da fé: **re-fletindo e se posicionando sobre eles**. Essa forma de comunicação, já conhecida, dá tão certo que outros como João, Pedro, Tiago e Judas, seguem o que o apóstolo Paulo fez, isto é, organizam seus escritos da mesma forma, com o mesmo gênero literário.

Apocalipse:

Esse gênero literário surge em meio a pressões e conflitos vividos no mundo de dominação helênica. Para tanto, ele é organizado de forma a que se possa olhar para o passado e lembrar a esperança futura, para que a comunidade resista às tentações do momento presente, sem trair a fé.

O gênero do apocalipse não tem a intenção de sinalizar eventos futuros, mas trazer esperança para aqueles e aquelas que estão passando momentos difíceis e precisam permanecer firmes em Cristo.

Para ler o Novo Testamento

Ao lermos o Novo Testamento, utilizando o gênero literário como porta de entrada, poderemos observar o seguinte:

1. Esse olhar para a realidade daquele tempo nos ajudará a trazer-mos à memória a ação de Deus no passado, a fim de que no presente, isto é, no nosso dia a dia, tenhamos a certeza de que Deus é conosco e sempre será. Como foi no passado, é hoje e o será no futuro – os Evangelhos me auxiliarão;
2. Ao precisarmos lidar, de forma objetiva, com um problema, e como nos posicionar com relação a ele – as Cartas nos auxiliarão;
3. Quando precisarmos alimentar nossa esperança em meio a tan-

tas dificuldades e pressões sofridas no dia a dia – o Apocalipse também nos auxiliará.

Conclusão

Podemos ler o texto bíblico de várias formas, isto é, podemos “entrar nesse mundo” de várias formas. O que estamos propondo aqui, é que você entre “nesse mundo do Novo Testamento” pela porta dos Gêneros Literários. Assim, cada gênero lhe conduzirá a um objetivo específico, você irá compreender melhor o texto e, conseqüentemente, os ensinamentos e direcionamentos ali apresentados.

Convidamos a lerem os livros do Novo Testamento, utilizando essa “porta de entrada”. Tenho certeza de que vocês irão se surpreender!

Leia durante a semana

- :: **Domingo:** 1 Coríntios 1
- :: **Segunda-feira:** Mateus 1
- :: **Terça-feira:** Mateus 2
- :: **Quarta-feira:** Apocalipse 1
- :: **Quinta-feira:** Salmo 119.18
- :: **Sexta-feira:** Salmo 118.130
- :: **Sábado:** Provérbios 3.13

Bate-papo

De que maneira a Palavra de Deus tem lhe ajudado no seu dia a dia?

Estudo 02: Será este o Cristo?

Texto bíblico: João 1.35-51

“Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito”. Será este, porventura, o Cristo?! João 4.29.

O texto de João 1.35-51 se refere ao início do ministério de Jesus e ao encontro com seus primeiros discípulos. Chama-nos a atenção o fato de que cada um deles usava um título diferente para referir-se a Jesus: “Cordeiro de Deus” (**João 1.35**); “Mestre” (**João 1.38**); “Messias” (**João 1.41**); “Profeta” (**João 1.45**); “Rei de Israel” (**João 1.49**).

Estes títulos expressam as expectativas do povo de Deus em relação à sua manifestação na história e às suas próprias esperanças e anseios de libertação. Revelam também, a compreensão que cada um tinha a respeito de Deus e as suas primeiras impressões a respeito de Jesus. São expressões carregadas de sentido e todas verdadeiras, mas, mesmo juntas, não são suficientes para revelar quem é Jesus.

Vem e vê

Os encontros com Jesus nesta passagem revelam, por um lado, a alegria de quem reconhece nele o cumprimento da promessa de Deus e a resposta às suas esperanças e anseios e, por outro, a vontade de partilhar essa alegria com os amigos. É assim que um vai anunciando ao outro, até chegar a Natanael, personagem de destaque no texto. Natanael conhece Jesus através do testemunho e convite de Filipe.

Primeiramente, ele revela seus preconceitos e visão limitada a respeito da manifestação de Deus: “... *Pode alguma coisa boa vir de*

Nazaré...?” (João 1.46). Embora Natanael fosse um bom israelita, certamente conhecedor das Escrituras e da tradição de seu povo, não entendia certas coisas espirituais. Ele era um homem crente e bom! Jesus mesmo atestou isso: “... Eis aqui um verdadeiro israelita em quem não há dolo!” (João 1.7). Mas, isso não é o bastante. Há um conhecimento que não está nos textos e na tradição. A este tipo de conhecimento é que Filipe o convida: “Vem e vê!” (João 1.46b).

A imagem da figueira é importante no texto: era um lugar de meditação, onde os rabinos costumavam ir à procura de tranquilidade para o estudo das Escrituras. Natanael, portanto, é um homem à procura de respostas, e ele as encontrou em Jesus, depois de vencer a resistência (João 1.49).

No texto, Jesus faz uma referência ao sonho de Jacó (João 1.51), no qual ele via uma escada que ligava a terra ao céu, por onde anjos subiam e desciam, e ouvia a voz de Deus prometendo-lhe cuidado e direção. Em reação ao que vê, Jacó diz: *“O Senhor está neste lugar e eu não sabia!” (Gênesis 28.13).* Esta citação bíblica aponta para, pelo menos, duas coisas importantes: primeiro, a limitação humana ou os limites de nossa capacidade de saber e ver – Deus está ali e não é percebido; segundo, o fato de que sempre haverá mais o que conhecer e experimentar.

A revelação é iniciativa de Deus. É ele quem vem ao encontro de seus discípulos e discípulas, como foi ao encontro de Jacó, dando-se a conhecer.

A experiência de anunciar Jesus

Quando olhamos para a Bíblia, a exemplo dos discípulos do texto, temos as nossas compreensões prévias, expectativas e anseios, e muitas perguntas. Jesus responderá a elas e nos ensinará muito mais. Assim como os discípulos, também chamamos Jesus por vários nomes e títulos que refletem um pouco o que pensamos e o que esperamos dele. Mas, Jesus é muito mais do que nossa mente é capaz de pensar e nossas palavras de dizer. Precisamos conhecê-lo cada vez mais.

Conhecer Jesus, muito mais do que uma experiência da razão, ainda que ela seja importante, é uma experiência existencial. Passa,



necessariamente, pelo encontro. O convite para estudar a Palavra é, também, um convite para um encontro com Jesus: “Vem e vê!”.

Esse encontro não se limita a um momento. A experiência com Jesus é duradoura. Quando os discípulos perguntam a Ele: “onde assistes?” (**João 1.38**), revelam o desejo de um encontro mais duradouro e Jesus responde levando-os à sua casa (**João 1.39**). É um convite à intimidade! Convivendo com Ele, saberão quem Ele é. É o mesmo convite feito a nós.

A experiência de anunciar Jesus

Somos convidados e convidadas não apenas para conhecer, mas para anunciar Jesus. A alegria de encontrar Jesus não pode ser contida. Ela se transforma em anúncio. No texto, cada pessoa que se encontra com Jesus, anuncia a outra pessoa, chamando a atenção não para si mesmo, mas para Ele! Pode-se ver a impor-

tância do testemunho pessoal dirigido às pessoas amigas e familiares. Testemunho que deve ser estendido a todas as pessoas que pudermos.

Encontraremos muitas pessoas como Natanael, resistentes a crer por causa de suas ideias e preconceitos. O que vence a incredulidade e faz romper com os preconceitos e equívocos é o próprio Jesus. Não é nosso o poder de convencimento e persuasão! Nossa tarefa, então, é simples e muito importante: convidar – “vem e vê!”. Somente a própria experiência com Jesus pode mudar a vida.

O conhecimento de Jesus é um processo. Não se pode conhecê-lo apenas de ouvir falar! É preciso “ver”, “seguir”, “conviver”. Uma expressão muito importante no texto é “vem e vê”. Há certa alternância no texto entre expressões de fé e dúvidas. Essas dúvidas se resolvem com a experiência de ver por si mesmo. O testemunho pessoal é importante, mas sempre culminará neste convite: venha, veja por você mesmo.

Conclusão

Estudar a Bíblia é um meio de Graça indispensável para o crescimento espiritual e o desenvolvimento da santificação. Deve ser estudada com devoção, reverência e humildade. Desta forma, não a conheceremos como conhecemos qualquer outro livro: poderemos ter um encontro com o próprio Jesus que se revela a nós em sua Palavra. Esse conhecimento, necessariamente, nos levará ao testemunho.

Jesus demonstra conhecer muito bem todas as pessoas que dele se aproximam pela primeira vez: seus nomes, suas histórias de vida, suas esperanças e anseios. Ele não se limita apenas a conhecer estes fatos, mas a cada vida dará uma nova direção, novas perspectivas. É preciso anunciar a todos quantos pudermos que Jesus é a resposta a suas expectativas de salvação; que Ele conhece suas vidas e suas histórias, suas esperanças, anseios e que pode dar novo significado a elas.

Leia durante a semana

- :: **Domingo:** João 1.35-51
- :: **Segunda-feira:** Isaías 49.1-11
- :: **Terça-feira:** Mateus 20.29-34
- :: **Quarta-feira:** Gênesis 28.10-22
- :: **Quinta-feira:** Isaías 53
- :: **Sexta-feira:** João 1.19-28
- :: **Sábado:** João 1.29-34

Bate-papo

Traga à memória o primeiro encontro que você teve com Jesus, do qual você se lembra: como aconteceu? Alguém apresentou Jesus a você?

Você já viveu a experiência de convidar alguém para conhecer a Cristo? Como foi?

Estudo 03: Fome e sede de justiça

Texto bíblico: Mateus 5.1-11

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”. Mateus 5.5.

O Evangelho de Mateus, embora seja o primeiro na estrutura bíblica, não foi o primeiro a ser escrito, ele surge no final da década de 80 d.C., enquanto o Evangelho de Marcos data dos anos 70 d.C. Por ser um texto escrito em meio à perseguição dos fariseus às pessoas judias que se tornaram cristãs, um tema se destaca: a observância da Lei, que é apontada pelo autor como o cumprimento da justiça de Deus, isto é, da sua vontade (Mateus 6.1-6). Em Mateus, Jesus é apresentado como o Mestre da justiça que veio para cumpri-la integralmente (Mateus 3.15). É o tema da justiça que perpassará este estudo que trata das bem-aventuranças.

A cidadania do Reino de Deus

O fio condutor das bem-aventuranças é o tema da justiça, inclusive essa afirmativa encontra-se no centro, no meio do texto: *“bem-aventurado os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”* (Mateus 5.6). A justiça é o fundamento do Reino de Deus e nas bem-aventuranças encontramos um modelo de cidadania desse Reino.

Quais as características das pessoas que querem ser cidadãos do Reino de Deus? Por meio das bem-aventuranças, podemos concluir que elas:

- **São humildes de espírito:** são pessoas abençoadas e felizes porque aprenderam a depender de Deus e confiam na sua bondade.

de e misericórdia. Sabem que Deus se importa e que, ainda que outras pessoas as desprezem ou as oprimam, podem confiar no amor de Deus. As pessoas humildes de espírito não dão espaço para ganância e para a busca desenfreada e inconsequente pelo dinheiro e outras riquezas (Mateus 6.19-21).

- **Choram:** a bênção prometida não é para todas as pessoas que choram, mas é uma consolação para quem chora pelos pecados que oprimem seus espíritos (delas e das outras), porque dentro da misericórdia de Deus há perdão e alívio para quem se arrepende. Cristo vem para consolar quem chora (Isaías 61.2; Lucas 2.25) e perdoar quem se arrepende (Lucas 18.9-14).

- **São mansas:** a mansidão não significa fraqueza ou submissão por covardia, ameaça ou dominação. Moisés era manso (Números 12.3), mas sabemos que tinha uma liderança enérgica e corajosa. Pessoas mansas são as que não dependem da força bruta para conseguir o que deseja, dependem da força do Senhor (Salmo 37.11; Romanos 12.19; 1 Pedro 2.23).

- **Têm fome e sede de justiça:** são pessoas que desejam acertar, corrigir abusos, defender direitos, agir pela garantia da justiça. Desejam a justiça com a mesma intensidade com que querem saciar ou matar a fome. Não falamos de uma pessoa justiceira que quer se colocar no lugar de Deus, mas daquelas que, por dependerem de Deus para concretizar a justiça, trabalham o quanto podem, se colocam como instrumento e participam ativamente no trabalho de Deus.

- **São misericordiosas:** essas são as que tratam as pessoas com amor e misericórdia, especialmente as pessoas necessitadas e injustiçadas em todos os sentidos. O Reino de Deus pertence a quem, como Cristo, tem amor e misericórdia e, por isso, demonstra solidariedade (Mateus 6.14-15; 7.1-2; 25.34-40). Para o povo romano, misericórdia era sinal de fraqueza; para os fariseus, o zelo e a rigidez no cumprimento da lei não dava espaço para demonstrar misericórdia; mas para Cristo, a misericórdia era uma expressão determinante da adoração a Deus (Mateus 22.37-40).

- **São limpas de coração:** são aquelas de coração singelo, simples e que têm um propósito bem específico na vida: cumprir a vontade

de de Deus. A palavra coração inclui também a mente, ou seja, razão e sentimento engajados nesse propósito.

- **São pacificadoras:** uma pessoa pacificadora é aquela que se-meia e colabora com a paz, relaciona-se e intervém nas relações humanas nessa perspectiva. É a pessoa que se propõe a mediar conflitos, a acabar com eles, é quem sempre “joga água na fervura” ao invés de atizar a fogueira, é quem faz parte da famosa turma do “deixa disso”. Nesse tempo de tanta violência e agressividade, nosso desafio é não reproduzir o violento comportamento deste século.

- **São perseguidas:** a ênfase aqui são as pessoas perseguidas por causa da justiça, são aquelas que permanecem firmes nos princípios do evangelho, sem ceder às pressões do mundo. Se assumirmos o compromisso com a cruz de Cristo, certamente teremos problemas. As pessoas cidadãos do Reino, ao passarem pelas tribulações e perseguições, têm o auxílio da Graça de Deus para seguirem adiante, chegam até a se alegrar diante das perseguições, pois sabem que terão a vitória em Cristo Jesus (1 Pedro 1.6-12).

Os desafios do Reino de Deus

Ser uma pessoa cristã é assumir uma postura fundamentada na justiça frente ao mundo que se vive, ainda que essa postura possa significar ou gerar perseguições, incômodos, falta de aprovação, por pessoas injustas. A justiça é característica fundamental do Reino de Deus, é o fundamento da nossa identidade cristã. As pessoas que possuem o Reino são as que buscam e lutam pela implementação da justiça e que por ela sofrem perseguições. Para uma comunidade em perigo, isso vem como um bálsamo. É a Palavra de Deus consolando, animando e orientando o povo.

As bem-aventuranças desafiam e convocam as pessoas cristãs a se comprometerem com a justiça. No entanto, **de que justiça se fala?** Seguramente não é a dos escribas e fariseus (Mateus 5.20), pois a deles inviabilizava a vida, era fardo e por isso, já não tinha mais relação com Deus (Mateus 11.28-30). Jesus busca retomar o verdadeiro sentido dessa palavra. A justiça é o critério que organiza a vida e as relações e, por isso, deve estar comprometida com a vida, com o bem-estar das pessoas. Fariseus e escribas conheciam



a lei no papel, mas, muitos deles, não entendiam o sentido para a vida. E nós? Como temos lidado com as leis de Deus?

Cumprir a justiça de Deus é tornar-se semelhante a Ele. Ao tratar sobre a justiça expressa no sermão do monte, assim se expressou Wesley: *E que é a justiça, senão a vida de Deus na alma; a mente que havia em Cristo Jesus; a imagem de Deus estampada no coração, agora renovada segundo a semelhança daquele que o criou? Que é justiça, senão amor de Deus, porque Ele primeiro nos amou, e, por sua causa, amou a toda a humanidade* (Sermão 21, sobre o Sermão do Monte, discurso 1).

Para a comunidade de Mateus cumprir a justiça era realizar a vontade de Deus e assim buscar a perfeição cristã que, para a tradição wesleyana, significa *amar a Deus de todo nosso coração, mente, alma e força. Isto implica em que nenhuma inclinação má, nada de contrário ao amor, permaneça na alma; e que todos os pensamentos, palavras e ações sejam governados pelo puro amor* (John Wesley, sermão 40, a perfeição cristã). Quanto mais nos tornamos solidárias e solidários às dores de outras pessoas, mais nos assemelhamos ao Pai, mais compromisso com a justiça demonstramos.

Conclusão

Uma pergunta nos resta: **por que se comprometer, trabalhar e sofrer para o cumprimento da justiça?** Porque essa é a vontade de Jesus Cristo! E nesse movimento de buscar a justiça, acende em nós a esperança eterna de um novo céu e uma nova terra em que não haja injustiça. *"Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça"* (**2 Pedro 3.13**), ou seja, a completa implantação do Reino de Deus. Assim, essa espera não é aquela em que se cruzam os braços, mas sim aquela que nos motiva a trabalhar, a espalhar a Boa Nova de Cristo com confiança de que Ele suprirá todas as nossas necessidades. *"Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas"* (**Mateus 6.33**).

Leia durante a semana

- :: **Domingo:** Mateus 5.1-11
- :: **Segunda-feira:** Mateus 6.1-6
- :: **Terça-feira:** Mateus 6.9-15
- :: **Quarta-feira:** Mateus 7.17-23
- :: **Quinta-feira:** Mateus 5.13-16
- :: **Sexta-feira:** Mateus 5.18-26
- :: **Sábado:** Mateus 5.29-30

Bate-papo

Quais as principais barreiras para o exercício da justiça nos dias de hoje? Como superá-las?